

PROGRAMA E AS EXPERIÊNCIAS DA SOCIEDADE DOS URBANISTAS BELGAS

EIXO TEMÁTICO 1: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira

Doutorado e Pós-doutorado; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
mirandulina.azevedo@ufms.br

RESUMO

O intuito do artigo é investigar a formação da “Sociedade dos Urbanistas Belgas” e para cumprir esse objetivo foi necessário revisitar o tema da cidade no período do entre guerras a partir de uma leitura que considere reconstrução e preservação como práticas discursivas coetâneas e de mútua influência relacionadas ao urbanismo. Trata-se de rever o debate sobre as propostas urbanísticas e experiências de reconstrução, nas quais questões do habitat e dos novos materiais estavam presentes e, de outra parte, de recuperar questões sobre as heranças das cidades à luz do referencial teórico da disciplina da preservação. O recorte proposto está apoiado no delineamento de uma nova problemática viabilizada por uma abordagem que faz de revistas de arquitetura e urbanismo objeto epistemológico. A revista *La Cité: urbanisme, architecture, art public* (1919-1935) foi criada para divulgar o programa, as experiências e o debate sobre cidade e urbanismo do grupo “Sociedade dos Urbanistas belgas”. O periódico, disponível on-line, que serve de fio condutor à medida que confrontada por outros periódicos da época revelou uma face menos conhecida do debate do urbanismo, da preservação das cidades e de sua reconstrução. A pesquisa sistemática acerca da revista fez parte de pesquisa de pós-doutorado realizada em 2022 no Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU-USP.

Palavras-chave: Urbanistas; cidades; reconstrução; preservação; modernismo.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

The aim of this article is to investigate the formation of the "Society of Belgian Urban Planners," and to achieve this goal, it was necessary to revisit the theme of the city in the interwar period from a perspective that considers reconstruction and preservation as contemporaneous and mutually influential discursive practices related to urbanism. This involves reviewing the debate on urban planning proposals and reconstruction experiences, in which issues of habitat and new materials were present, and, on the other hand, recovering questions about the legacies of cities in light of the theoretical framework of the discipline of preservation. The proposed approach is based on the delineation of a new problem made possible by an approach that uses architecture and urbanism magazines as an epistemological object. The magazine La Cité: urbanisme, architecture, art public (1919-1935) was created to disseminate the program, experiences, and debate on the city and urbanism of the "Society of Belgian Urban Planners" group. The periodical, available online, serves as a guiding thread as it, when compared with other periodicals of the time, revealed a lesser-known facet of the debate on urbanism, the preservation of cities, and their reconstruction. The systematic research on the journal was part of postdoctoral research conducted in 2022 at the Institute of Architecture and Urbanism IAU-USP.

The abstract.

Key-words: Urban planners; cities; reconstruction; preservation; modernism.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es investigar la formación de la «Sociedad de Urbanistas Belgas». Para ello, fue necesario retomar el tema de la ciudad en el periodo de entreguerras desde una perspectiva que considera la reconstrucción y la conservación como prácticas discursivas contemporáneas e interrelacionadas en el ámbito del urbanismo. Esto implica revisar el debate sobre las propuestas de planificación urbana y las experiencias de reconstrucción, en las que se abordaron cuestiones de hábitat y nuevos materiales, y, por otro lado, recuperar interrogantes sobre el legado de las ciudades a la luz del marco teórico de la disciplina de la conservación. El enfoque propuesto se basa en la delimitación de un nuevo problema, posible gracias a una metodología que utiliza revistas de arquitectura y urbanismo como objeto epistemológico. La revista La Cité: urbanisme, architecture, art public (1919-1935) se creó para difundir el programa, las experiencias y el debate sobre la ciudad y el urbanismo del grupo «Sociedad de Urbanistas Belgas». La revista, disponible en línea, sirve de hilo conductor, ya que, en comparación con otras publicaciones periódicas de la época, reveló una faceta menos conocida del debate sobre urbanismo, la conservación de las ciudades y su reconstrucción. La investigación sistemática sobre la revista formó parte de una investigación postdoctoral realizada en 2022 en el Instituto de Arquitectura y Urbanismo IAU-USP.

Palabras clave: Urbanistas; ciudades; reconstrucción; conservación; modernismo.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Para compreender a formação da chamada Sociedade dos Urbanistas Belgas - SUB é necessário situá-la no âmbito das mudanças ocorridas na fisionomia e na escala das cidades. Estas transformações introduziram novas questões e suscitaram novas formas de pensamento e de ação. Para Williams (1992, p.83) “no século 20 houve um acentuado desenvolvimento de determinados tipos de formação cultural ‘internacional’ ou, melhor, ‘paranacional’”. Neste contexto de debate internacional e troca de experiências o movimento belga pode se estabelecer criando um programa próprio e experiências adequadas à realidade nacional.

A guerra transformaria essa rede de estudos internacional em referência para o processo da reconstrução. O corpo técnico belga fazia parte de uma rede internacional constituída pelo Royal Institute of British Architects, o Town Planning Institute, l'International Garden Cities e o Town Planning Association Belga, empenhados em realizar conferências sobre a reconstrução da Bélgica. A divisa ‘a reconstrução da Bélgica pelos belgas’ implicaria na conversão do exemplo inglês em termos correspondentes.

De acordo com Sica (1981) um ciclo de debates sobre urbanismo se iniciou com o periódico La Ciudad Lineal (1897) de Arturo Soria Y Mata e se ampliaria com revistas como Der Städtebau (1904), The American City (1909), La Cité Jardin(1912), La Vie Urbaine (1919), La Cité: urbanisme, architecture, art public (1919-1935) e Garden Cities and Town Planning (1930), entre outras. Desse conjunto a revista belga La Cité: urbanisme, architecture, art public (1919-1935) destacou-se pelo tratamento da problemática da reconstrução relacionada a uma discussão sobre a preservação das heranças das cidades oferecendo novos contornos para a leitura dessas questões pendentes à situação daquele país. Essa revista é resultado de um amplo esforço de arquitetos belgas.

O Comitê Neerlandês-Belga de Arte Cívica formado pelos belgas Hubrecht Hoste, Paul Otlet e Louis Van der Swaelmen e os holandeses H.P.Berlage, J.P.Cuypers, H.Everse J. Pauw desejava constituir um guia prático para a reconstrução a partir do valor da ‘arte cívica’. Depois do exílio, de volta à Bélgica, Van der Swaelmen e Verwilghen fundaram a revista “La Cité: urbanisme, architecture, art public” que, desde sua primeira edição, organizou e fez movimento em favor da cidade-jardim. A revista fundada em 1919 teve papel fundamental no Movimento Moderno na Bélgica e se tornaria porta-voz da Sociedade Belga de Urbanismo, depois, em 1930, contudo, o órgão oficial do CIAM belga lhe concedeu uma posição meramente coadjuvante. Poderíamos indagar as razões e de que maneira a contribuição belga perdeu sua força nas narrativas mais

PENSAR FORA DO EIXO

conhecidas do Modernismo. A historiografia do movimento moderno foi fundamentada por textos e autores que têm orientado uma determinada visão das experiências modernistas consideradas as mais relevantes. Na perspectiva do tema ‘pensar fora do eixo’ e do eixo temático ‘1. Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo’ o exame do material de uma revista pouco conhecida como *La Cité* procura, não somente, tratar de uma lacuna, tarefa necessária no processo de revisão, mas, principalmente colocar a possibilidade de uma interpretação que inclua outras experiências além da visão hegemônica do Modernismo. Argan (1992) considerava a existência de vários modernismos que possuíam pontos comuns em termos de ideal, e que, por outro lado, se baseavam em experiências que comportavam diferenças sensíveis.

Examinaremos os objetivos da revista “*La Cité: urbanisme, architecture, art public*”, o manifesto da Sociedade dos Urbanistas Belgas (SUB), os principais temas de seus debates, como pensavam a reconstrução e a preservação de seus patrimônios e algumas experiências emblemáticas de bairros-jardim desenvolvidas pelos membros do grupo de maneira a relacionar seus discursos ao contexto de referências mais conhecido.

1 REVISÃO DO DEBATE E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No interesse de uma revisão do debate e das propostas do período encaminhou-se uma metodologia voltada para a análise mais ampla das práticas discursivas da época, discernindo recorrências, diferenças e contradições que permitem divisar nuances e recuperar aspectos pouco discutidos nas interpretações mais conhecidas. Por meio de um procedimento metodológico específico que é tratar o material documental como ‘prática discursiva’, isto é, como um conjunto que revela a ‘estrutura’ de um modo de pensar de um determinado período, como esclarece Teyssot:

A análise do discurso, da lógica que lhe é peculiar, deveria permitir-nos individualizar instrumentos conceptuais e ‘práticas discursivas’ que serviram para estruturar o processo de desenho num determinado momento. Mas o ‘texto’ não deve ser visto como apenas uma coleção de depoimentos a serem analisados em termos gramaticais ou sintáticos. Pelo contrário, o seu aspecto fundamental como ‘discurso’ é lógico e semântico. O objetivo da análise é revelar o universo a que se refere o discurso. Neste sentido, o texto foi definido como um instrumento ‘trans linguístico’; relaciona-se com outros textos, tanto anteriores como sincrônicos de si. O texto ‘produz’ e incorpora esta produtividade como uma forma de produção e uma técnica. Funciona dentro de um dado espaço histórico que é ele próprio um espaço de textos (práticas discursivas, logo significativas, logo semióticas). A produtividade do texto consiste na sua ‘intertextualidade’, oferecendo ‘um ponto de interseção para aquilo que foi dito noutros textos’ (Teyssot, 2010, p.38).

PENSAR FORA DO EIXO

O procedimento da revisão não consiste, unicamente, em ‘rever conteúdos de visões consagradas’ para simplesmente refutá-los e substituí-los por outras visões, mas, sobretudo, considerar o potencial de referenciamento que tais visões possuem de validar discursos e experiências. Ressaltando o ponto de entendimento de Teyssot: “O objetivo da análise é revelar o universo a que se refere o discurso. Neste sentido, o texto foi definido como um instrumento ‘trans linguístico’; relaciona-se com outros textos, tanto anteriores como sincrônicos de si” (Teyssot, 2010, p.38).

Os discursos que formaram o urbanismo como disciplina foram tratados por Choay (1997) de maneira a identificar a natureza diversa de suas posições políticas. O formato de antologia expõe a fonte original e contribuiu bastante para a análise pois permite a confrontação de argumentos de época e questionamento de consensos habituais.

Observa-se, por exemplo, que na construção das narrativas do movimento modernistas os historiadores deram mais destaque a discussões que ocorreram a partir dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) ocorridos a partir 1928. Realizado em 1929, em Frankfurt, o segundo CIAM, tinha como tema a “a habitação mínima” que se baseava em determinar o menor custo possível para espaço físico digno, na racionalização e padronização para tornar as moradias mais acessíveis, e na infraestrutura do entorno entendida como uma unidade comunitária mínima (comércio, áreas verdes e equipamentos de saúde). De certo modo, essa programação do movimento modernista tornando-se prática discursiva central e hegemônica nas narrativas historiográficas deixou lacunas em relação às demais experiências, principalmente, aquelas de países menos industrializados.

Da habitação mínima o CIAM passou, em 1933, a propor uma

formulação doutrinária sob o nome de Carta de Atenas. Esta constitui, portanto, o bem comum dos urbanistas progressista; seu conteúdo é retomado em seus numerosos escritos respectivos. Entretanto, tomou-se emprestada a maior parte das citações que se seguem a Le Corbusier: um excepcional talento de jornalista (conservado pela necessidade de travar polêmica sem cessar contra o passadismo do público francês)(Choay, 1997, p.20).

O estabelecimento de quatro funções universais: habitar, trabalhar, locomover-se, cultivar o corpo e o espírito, são derivadas de quatro necessidades humanas universais. Essa formulação leva a melhor localização, o tipo ideal de localização humana, a base do urbanismo progressista. Como consequência “não mais que ao local, o plano da cidade progressista não está ligado às limitações da tradição cultural; ele só quer ser a expressão de uma demiúrgica liberdade da razão, colocada a

PENSAR FORA DO EIXO

serviço da eficácia e da estética. São esses dois imperativos que conferem ao espaço do modelo progressista suas características particulares” (Choay, 1997, p.20).

A revista *La Cité* antecede em muitos anos a fundação dos CIAMs, e coincide com a criação da Bauhaus em 1919, tendo sido veículo de divulgação de ambos. Quando se faz a leitura de um documento como o manifesto do Sociedade dos Urbanistas Belgas o que se depreende da análise de seu conteúdo é que, em primeiro lugar, os urbanistas estavam fortemente vinculados ao ideal internacionalista muito comum nos intelectuais do período; segundo, referiam-se às conquistas dos arquitetos e urbanistas de correntes artísticas inovadoras como importantes para a renovação da prática profissional. A Sociedade dos Urbanistas Belgas (SUB) mantinha intenso diálogo com o conjunto da produção dos arquitetos e urbanistas progressistas. De modo que os textos da revista *La Cité* não são lidos como documentos de um processo paralelo à parte, ao contrário, nosso procedimento considera que “a produtividade do texto consiste na sua ‘intertextualidade’, oferecendo ‘um ponto de interseção para aquilo que foi dito noutros textos” (Teyssot, 2010, p.38).

Ao mesmo tempo que incorporavam os projetos (desenhos) dos colegas estrangeiros para a divulgação no periódico *La Cité*, simultaneamente, apresentavam projetos e experiências formais de autoria belga. O que se observa das propostas belgas é a assimilação de um espectro amplo de contribuições: respeito à paisagem local, traçados urbanos em conformidade com a topografia e uso materiais tradicionais, configurando projetos em que se obtinha efeitos de pitoresco. De modo que o valor do conceito de paisagem na ação dos urbanistas belgas, talvez, se deva a preservação no ideário desse grupo de uma visão de cidade, na qual a cidade-jardim em seu ideal utópico, permitia a síntese entre campo e cidade enfatizando a construção de paisagem. Essa abordagem paisagística do grupo SUB também aparecia na agenda da reconstrução que, em que pese não terem obtido êxito efetivamente na reconstrução das cidades destruídas pela guerra, participaram por meio da crítica (publicada na revista *Cité*) na qual justificaram as razões de serem contrários às práticas de repristinação vigentes à época.

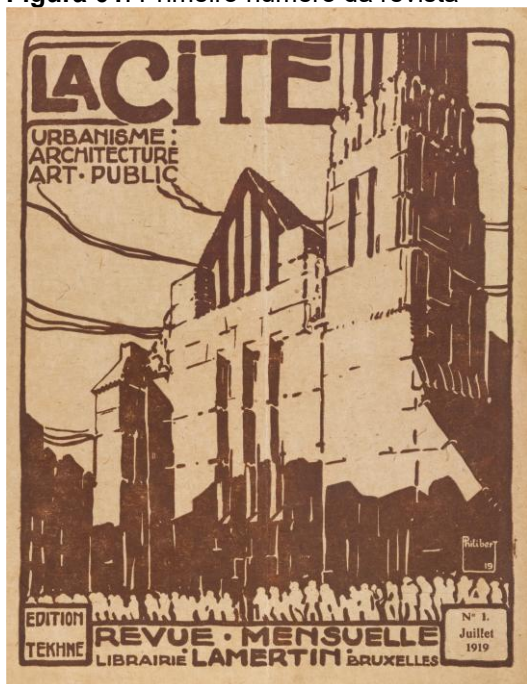
Os membros do SUB dialogavam com uma tradição anterior à ruptura modernista, ao mesmo tempo que admiravam e assimilavam a nova abordagem programática. Ao contrário do ponto de vista consagrado do modernismo que tem como critérios fundamentais a abstração e o funcionalismo, para os urbanistas do SUB essas categorias não eram suficientes, preferindo uma abordagem mais pluralista que incluísse boas lições do passado. Assim o SUB colocava-se numa posição de urbanismo culturalista com pontos de contato com o urbanismo progressista.

Avalia-se que o percurso investigativo desenvolvido possa favorecer uma nova compreensão acerca da história da cidade e das experiências urbanísticas desenvolvidas pela Sociedade dos Urbanistas Belgas – SUB, os textos produzidos pelo grupo foram lidos na ‘intertextualidade’ de outras referências que foram construídas por escritos de diferentes historiadores e teóricos que constituem visões compartilhadas por pesquisadores contemporâneos. Como se trata de obra pouco conhecida, tornou-se necessário informar características e quantitativos de forma descritiva, afinal, estamos trazendo ao debate uma fonte que apesar de não ser citada na historiografia mais conhecida, registrou experiências cuja duração e êxito não são negligenciáveis.

2 A REVISTA LA CITÉ URBANISME ARCHITECTURE ART PUBLIC (1919-1935)

Como parte das pesquisas do pós-doutorado a catalogação por autor/ assunto / vol, n. p/ mês /ano foi feita em todos os números O primeiro número da revista é de julho de 1919 (Figura 1), ainda nesse ano foram registrados mais 4 números, o último número seria de abril de 1935. Total de 13 volumes, 9 volumes com 12 números, 3 volumes (1 ,2 e 7), cada um com 11 exemplares e o último volume 13, com apenas 5, numa soma total de 146 números.

Figura 01. Primeiro número da revista



Fonte: La Cité: urbanisme, architecture, art public, 1919.

No primeiro número a revista anuncia a vinculação a uma organização, a Sociedade dos Urbanistas Belgas (o manifesto seria publicado no número 3), com o objetivo declarado de ser um instrumento

PENSAR FORA DO EIXO

para a reconstrução das comunas e cidades destruídas. Texto de H.P.Berlage na abertura, não por acaso, o arquiteto era considerado referência máxima para a compreensão da relação arquitetura-cidade à época. Em seguida, apresentou-se o mapa das cidades devastadas com comentários de R.Verwilghen, discussão sobre arquitetura doméstica de Raymond Moenaert, e os trabalhos da União de cidades e comunas belgas promovendo conferências de diversos urbanistas e arquitetos.

A revista se propôs a ler, analisar jornais e revistas estrangeiros, e divulgar novos livros resultantes do espírito observador ou inventivo de autores especializados nos diversos temas de interesse dos municípios e seus moradores. É importante destacar que, naquela época, Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos já possuíam uma produção editorial relevante.

Os temas recorrentes são os mecanismos de luta da Sociedade dos Urbanista Belgas, da União de Cidades e Comunas Belgas. Em quase todos os números há organização de concursos de habitação e setores de cidades, edifícios públicos com apresentação de programas e do próprio comitê para avaliação de projetos dos quais os membros da revista sempre fazem parte. A princípio o tema da reconstrução é o principal objeto de debate, gradativamente, o tema da habitação se superpõe, com predomínio para a 'habitation à bon marché' e a crítica aos trabalhos de restauração se torna constante.

Desenhos e fotografias de publicações inglesas, americanas e holandesas são reapresentados sempre de forma a reconhecer a importância das contribuições dos outros países. Há nos textos da revista a noção de que as cidades são o veículo de transformação social.

Em seu primeiro número a revista anunciava as suas principais pautas:

"La Cité" abordará amplamente questões que afetam todas as áreas da atividade técnica, industrial e social, e se esforçará para ser o ponto de encontro de todas as correntes de opinião sobre arte pública. Para tanto, publicará sistematicamente todas as informações, relatórios, pesquisas e documentos de viagem referentes ao planejamento urbano e à arquitetura. Melhorias em higiene e habitação, técnicas de construção, preservação de locais, criação de jardins e parques infantis — em suma, tudo o que, direta ou indiretamente, se relaciona à arte pública — encontrará seu lugar em suas páginas (La Cité, 1919, p.2) (tradução nossa).

Esse programa é entendido como um roteiro de combate no sentido profissional e político. Em grande parte, é uma atualização programática às condições locais do pós-guerra. A Bélgica com parte significativa de seu território comprometida pela destruição da guerra (Figura 2) tornava a questão da reconstrução o fio condutor para a uma reunificação cívica. A orientação por uma arte pública nesse justamente dessas condições:

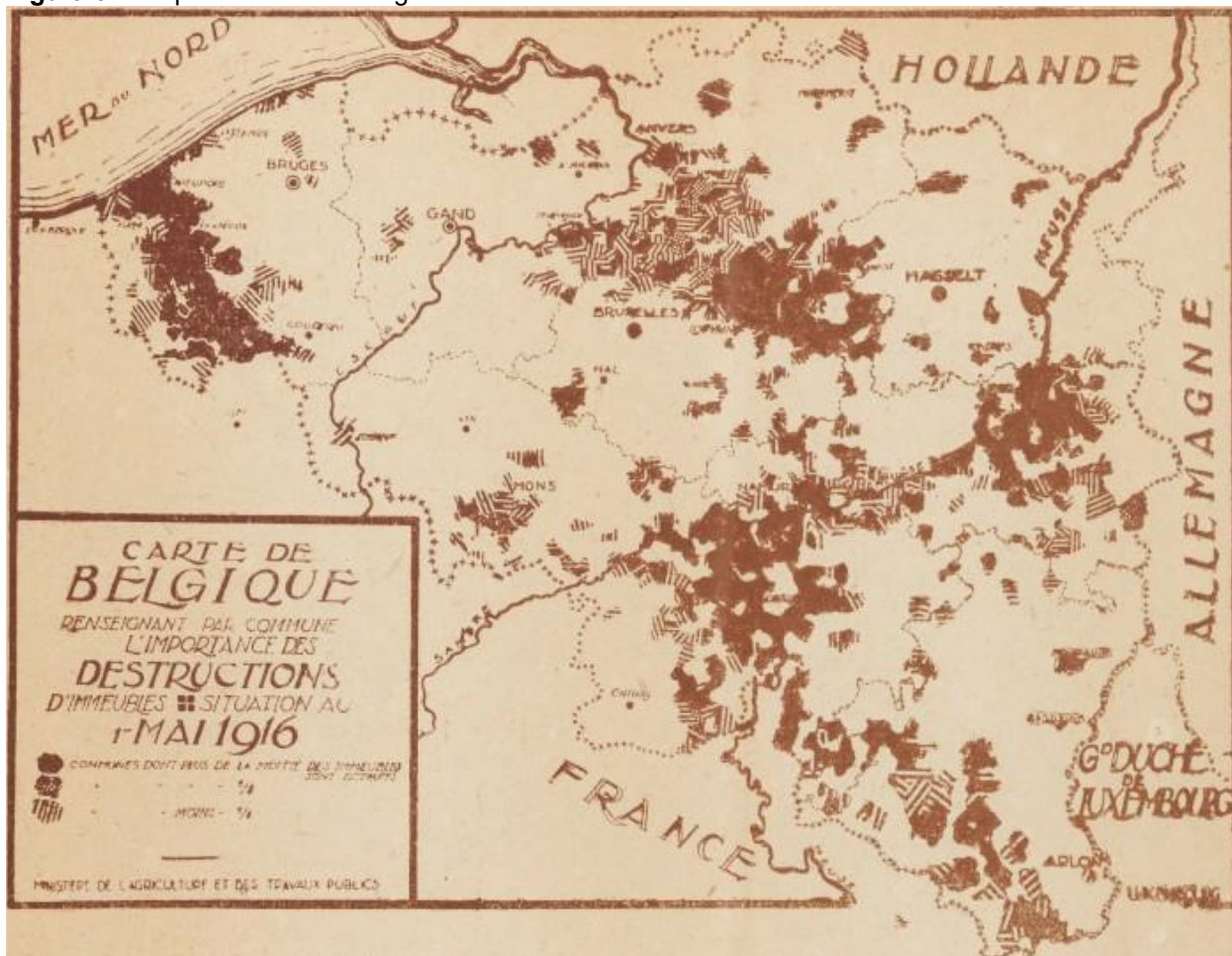
PENSAR FORA DO EIXO

O problema que nossos técnicos enfrentavam há apenas cinco anos se transformou — a guerra deslocou o foco dessas questões. Não se trata mais de aplicar teorias estéticas ou técnicas isoladamente a algumas contingências locais ou individuais. Diante da miséria das massas desabrigadas e da agitação social exacerbada pela destruição de nossas fábricas e infraestrutura econômica, é essencial que todos os esforços converjam em uma cooperação patriótica em prol de um objetivo comum. Para os construtores conscientes de sua tarefa, a arte e a ciência têm uma missão social (La Cité, 1919, p.2,) (tradução nossa).

Desse modo, com notória visão internacionalista, a revista foi pensada como um instrumento dinamizador e unificador de uma luta mais ampla dos arquitetos e urbanistas belgas que se colocavam a favor de forças progressistas. Segundo Van Loo (1996), os jovens arquitetos modernistas desejavam ver o país renascer de forma moderna, de maneira a resolver os problemas do desenvolvimento da grande cidade industrial e seus subúrbios, e ao mesmo tempo, aspiravam a uma arquitetura explicitamente baseada em uma concepção socialista da sociedade.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 02. Mapa das cidades belgas destruídas



Fonte: La Cité: urbanisme, architecture, art public, 1919.

2.10 manifesto da Sociedade dos Urbanistas Belgas

Entende-se que a cultura internacionalista do século 20 a que se refere Raymon Williams explica em grande parte a predisposição dos arquitetos, urbanistas e engenheiros belgas a considerar o diálogo com seus pares europeus como base para seu próprio desenvolvimento. As revistas inglesas, americanas, alemãs e francesas em circulação abordavam em suas páginas os assuntos mais importantes da época. A criação da revista 'La Cité' foi o instrumento de divulgação e debate da nova cultura arquitetônica e urbanística. O grupo SUB fez da revista La Cité porta-voz da sua ação política, participação em debates internacionais, regionais e locais.

O manifesto da Sociedade dos Urbanistas Belgas foi publicado no número 3, de setembro de 1919 e pretendia ser tanto um círculo de estudos quanto um grupo ativista. A Sociedade foi organizada

PENSAR FORA DO EIXO

inicialmente pelos membros: F. Bodson, Arquiteto – Bruxelas; H. DE Bruyne, Arquiteto – Bruxelas; F. De Ridder, Arquiteto – Antuérpia; J. DE Ligne, Arquiteto – Bruxelas; Hubrecht. Hoste, Bruges; C. Thirion, Arquiteto – Verviers; Charles Patris, Arquiteto - Bruxelas e Paris; Van Averbeké, Arquiteto – Antuérpia; Van Der Swaelmen, Arquiteto Paisagista - Bruxelas, O. Van de Voorde, Arquiteto – Ghent; Raph. Verwilghen, Engenheiro – Bruxelas. Os Membros Associados e Membros Honorários teriam status consultivo no Conselho.

A leitura do documento revela a defesa dos interesses profissionais, afinal, é uma associação de perfil técnico, mas, sobretudo, ressalta-se seu caráter aberto, progressista e inclusivo. O texto se dirigia a todos os técnicos, artistas, acadêmicos e pensadores que se interessassem, de alguma forma, por questões de planejamento urbano, inclusive, poderiam se tornar Membros Associados da Sociedade. Esses profissionais poderiam, a qualquer momento, obter a condição de membro pleno, desde que apresentassem comprovação efetiva de que atendem às condições exigidas. O título de Membro Honorário da Sociedade poderia ser oferecido a eminentes especialistas, técnicos, artistas, acadêmicos e pensadores. A Sociedade poderia nomear cidadãos estrangeiros.

A organização seria administrada por um Conselho Técnico composto por, no mínimo, cinco membros, dos quais quatro quintos seriam sempre escolhidos entre os membros. Os cargos de Secretário Adjunto e Tesoureiro teriam funções sem direito a voto no Conselho. A primeira Assembleia Geral seria convocada para ratificar ou emendar os Estatutos propostos pela Secretaria Provisória da S.U.B. O programa geral de ação anual da S.U.B. seria discutido na Assembleia Geral.

Em que pese a disposição para o diálogo com outros saberes o papel central está reservado a um determinado especialista, que seria o arquiteto. O arquiteto, desde que adquira, além do conhecimento geral e complementar específico do planejamento urbano, a habilidade prática de gerenciar grandes espaços e o hábito de considerar a arquitetura em um contexto mais amplo, ou que tenha apresentado aos seus pares uma tese substancial, ou equivalente, demonstrando possuir amplo conhecimento em planejamento urbano e ideias gerais sobre o assunto.

Cabe a eles, a esses especialistas, dizer e implementar os verdadeiros meios de reparar os danos sofridos. Esses especialistas de um novo tipo — novo apenas na medida em que representam uma justaposição particular de habilidades e requerem formação especializada — são atualmente chamados de Planejadores Urbanos.

PENSAR FORA DO EIXO

Considerando que o objetivo final do Urbanismo é um plano regulatório, que gere a "paisagem urbana" (Stadsbeeld) e uma expressão gráfica de uma síntese orgânica de elementos funcionais cujo estudo é o objeto da ciência do planejamento urbano, - que o Urbanismo contemporâneo se baseia essencialmente nas Cidades e repousa sobre três princípios fundamentais:

1) a busca da perfeição técnica ideal em todas as coisas; 2) a adaptação do tipo de agregação cívica às características fisionômicas do local e da região; 3) o caráter estético atual (moderno) de todos os dispositivos e construções.

Em relação a primeira diretriz - a busca pela técnica ideal em todas as coisas, entende-se o projetar sobre todas os aspectos da construção, isto é, da estrutura aos menores detalhes construtivos. Importa destacar a diretriz voltada para a "adaptação do tipo de agregação cívica às características fisionômicas do local e da região". Trata-se de uma resolução projetual que utiliza a compreensão do tipo de grupo social e suas características traduzíveis em um determinado programa e simultaneamente busca-se ajustar a proposta com sua escala, suas formas e materiais à paisagem local. Quanto ao caráter estético entendido como 'moderno' em todos os dispositivos e construções, vale uma reflexão. Em grande parte, os projetos de bairros-jardim se acomodam a uma estética com certo grau de pitoresco ou tradicional e em menor número expressam uma estética mais modernista.

Para expor as diretrizes projetuais do S.U.B apresentaremos duas experiências em que podem se observar tanto uma estética moderna, La Cité Moderne, quanto uma fisionomia pitoresca, Le Logis-Floréal.

2.2 Experiências de bairros jardim

As origens de intervenção do tipo bairro-jardim bastante presente nos projetos urbanísticos localizados na Bélgica estavam relacionadas diretamente as decisões tomadas "na conferência de Londres da Union Internationale des Villes e da Garden and Town Planning Association de 1915, onde todos os participantes reafirmam o compromisso programático com a construção dos bairros suburbanos, seguindo as linhas da cidade-jardim" (Calabi, 2015, p.203).

Van der Swaelmen imaginava estruturar o cordão de cidades que se desenvolveriam em torno da capital como um futuro subúrbio-jardim, cujos diversos elementos estariam ligados por uma rede de avenidas arborizadas e parques, de modo a constituir um verdadeiro Sistema-Parque.

PENSAR FORA DO EIXO

De dezenas de bairros-jardins projetados, selecionamos duas experiências de modo a observar o desenho de seus espaços de uso público, observando a relação com a paisagem local, e práticas construtivas adotadas. Examinaremos dois casos emblemáticos localizados em comunas da região de Bruxelas-capital: La Cité Moderne (1922-1925) em Berchem-Sainte-Agathe e Le Logis-Floréal (1922-1929) em Boitsfort.

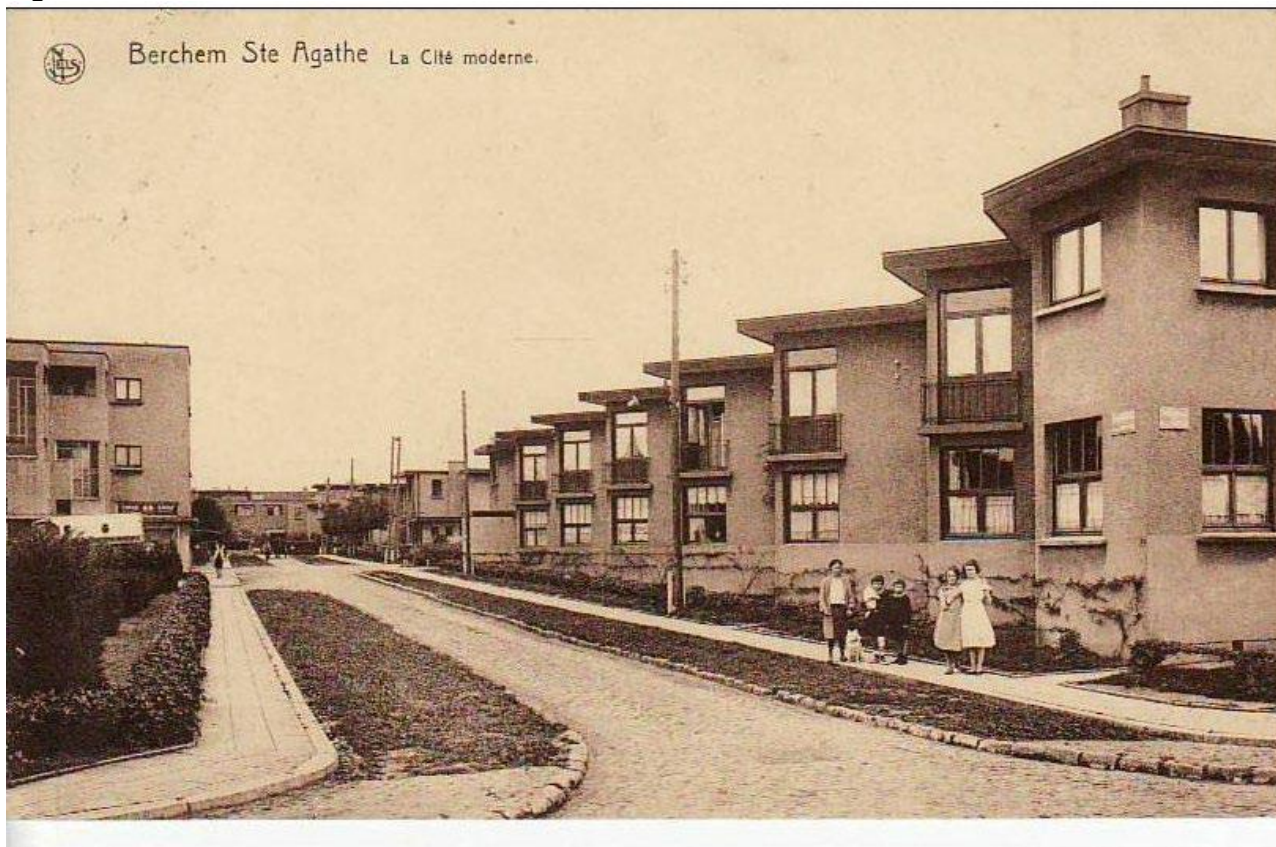
A Cité Moderne (1922-1925) em Berchem-Sainte-Agathe, feita em colaboração de Van der Swaelmen e Victor Bourgeois, é considerada a mais notável realização do ponto de vista da linguagem modernista e do uso de materiais industrializados em relação ao conjunto das cidades-jardim belgas. Preserva, contudo, a mesma cuidadosa relação entre edificação e paisagem centrada na dinâmica de diversidade comum aos propósitos de uma implantação pitoresca com uma arquitetura modernista.

Van der Swaelmen estava convencido que a realização de uma cidade-jardim era um trabalho coletivo e que deveria expressar uma nova maneira de viver. O bom êxito das construções dessas cidades era também resultado de um movimento cooperativo bastante forte e presente e, na medida do possível, o arquiteto procurava consultar futuros moradores. Temos como resultado uma correspondência feliz entre uma nova imagem arquitetônica e um novo modelo de vida comunitária (Van Loo, 1996).

O projeto de La Cité Moderne leva em consideração a orientação solar e os desníveis do terreno. A densidade média proposta é de cerca de 30 moradias por hectare. Os planos baseiam-se numa hierarquia muito avançada de espaços públicos, em perfis viários diferenciados e na acessibilidade dos jardins situados no interior do quarteirão.

As habitações são agrupadas de forma a desenhar **formas urbanas características e a organizar espaços visualmente fechados**. As instalações do bairro costumam ser agrupadas em **uma praça**, de modo a concentrar a **vida coletiva** ali. Van der Swaelmen é apoiado por um poderoso movimento cooperativo e apoiado por um núcleo de arquitetos para os quais uma nova imagem arquitetônica deve corresponder a um novo modelo de vida comunitária (Smets, 1977, p.133).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 03. La Cité Moderne Berchem-Bruxeles

Fritsken1945

www.delcampe.net

Fonte: Disponível em: <http://belgiumonstage.be/sites/default/files/pictures/SINT-AGATHA-BERCHEM.1925>

Neste projeto as edificações assumem feições modernistas pelo material utilizado, pela dinâmica dos volumes em ângulo. Na figura 04, temos uma imagem atualizada de 2021 que desloca o conjunto de casas da figura 03 e centraliza na 'Place des Cooperators'. O arranjo reuniu numa praça mais extensa duas praças menores. Esse projeto expressa bem a habilidade de Van der Swaelmen e a passagem do tempo só valorizou a proposta, nela se mantém a boa relação dos espaços privados e públicos mantidos em escalas apropriadas ao morar.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 04. La Cité Moderne Berchem-Bruxelles. Vista geral Place des Cooperators



Fonte: Disponível em: <https://monument.heritage.brussels/fr/buildings/38239#&gid=null&pid=8>. 2021

Le Logis-Floréal (1922-1929) foi construído em conjunto por duas sociedades cooperativas a partir de 1922, é considerado o feito mais notável de Louis Van der Swaelmen. A planta do bairro (Figura 05) com suas 1.500 moradias (vinte e cinco a trinta moradias por hectare), seus equipamentos públicos e suas lojas, é também a conquista mais importante em termos de habitação de baixo custo.

Van de Swaelmen aproveitou um sítio excepcional e muito acidentado de quase cinquenta hectares para criar seis unidades habitacionais diferentes (o triângulo, a praça, o trapézio, o funil, a ferradura, a rotunda, o planalto), caracterizadas por uma paisagem específica e tratamento arquitetônico. “Esta foi a obra capital a que, durante vários anos, se dedicou com predileção, em comunidade de pensamento e ideal com o arquiteto deste vasto conjunto, Jean Jules Eggericx” (Verwilghen, 1929, p.87).

Le Logis-Floréal teve sua construção feita por meio de dezessete canteiros de obra, divididos em dois períodos (1921-1933) e (1950-1977) conforme detalhou (Druart, 1996). A continuidade da experiência se deve ao princípio cooperativo que a organizou e a colaboração perfeita entre a visão de o urbanismo sensível a paisagem de Van der Swaelmen e a capacidade técnica e projetual do arquiteto Jean Jules Eggericx, responsável pelo projeto das edificações.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 05. Le Logis-Floréal



Fonte: La Cité: urbanisme, architecture, art public, 1929.

Van der Swaelmen soube tratar os acidentes naturais, caminhos e vegetações do sítio, tendo conseguido fazer recortes e desenhos que tornavam cada trecho um lugar identificável e único. Em seu trabalho, de maneira intensa em Logis-Flóreal, Van der Swaelmen reflete a categoria do pitoresco pois para fazer urbanismo e paisagismo usou “a lição da jardinagem, que era essencialmente um educar a natureza sem destruir a espontaneidade” (Argan, 1992). Argan se referia ao aprendizado da jardinagem, a modelagem do natural, e o jardim como ‘obra’ criativa elevada à categoria do pitoresco. De certo modo podemos compreender a cidade-jardim e o bairro jardim como modelagens da natureza, procedimentos de zelo e controle dos materiais e das formas da natureza. Assim, especialmente, o bairro como um recorte específico, que modela também o ambiente público (ruas, avenidas e praças) e edifícios de uso coletivo em desenhos únicos e detalha também as áreas privadas (habitações).

O edifício Fer à Cheval (Figura 06), cujo nome e forma derivam do traçado octogonal da praça onde se encontra, é o mais importante e o mais alto destes edifícios. Na época em que foi construído, era o edifício mais alto da área de Bruxelas.

PENSAR FORA DO EIXO

Construída no topo das colinas de Boitsfort, esta casa-torre, que mostra em uma de suas faces dez andares, domina toda a cidade "Floréal" da qual constitui de certa forma o eixo vertical. O dado do problema não está isento de algum romantismo. Mas o arquiteto J. J. Eggericx foi capaz de evitar a armadilha. As fachadas são muito sóbrias e a própria torre é alta, sem outro ornamento que a divisão rítmica de suas janelas e o acento de um imenso telhado de vidro que, de alto a baixo do edifício, ilumina sem interrupção o vão da escada. Se voltarmos ao tempo em que a obra foi prevista, concordaremos que o edifício, atualmente notável, superou em escala e interesse arquitetônico tudo o que conhecíamos na Bélgica no campo da habitação de baixo custo (Eggericx, 1930, p.3).

No caso do Fer à Cheval (Figura 06), como se trata de edifício público, o porte e a forma da edificação o tornam protagonista, contudo, arranjado em conjunto com o casario e seus espaços fronteiriços cobertos de vegetação evoca ainda a percepção do efeito do pitoresco.

Figura 06. Edifício Fer à Cheval



Fonte: La Cité: urbanisme, architecture, art public, 1930

2.3 A questão da reconstrução e restauração

PENSAR FORA DO EIXO

Principal teórico dos princípios defendidos na reconstrução da Bélgica, Louis Van der Swaelmen (1883-1929), arquiteto paisagista, inicialmente se mobilizou para a proteção conservação de monumentos e paisagens. A partir dessa experiência voltou-se ao urbanismo, cujo sentido e papel cívico se esforçará por sublinhar, publicou *Les Préliminaires d'art civique* (1916) considerado um dos primeiros tratados de urbanismo em língua francesa (Azevedo, 2021).

À época, a abordagem em restauro assumia novos contornos pelo viés de um novo Urbanismo, cujas soluções formais seriam capazes de manter fisionomia de bairro e de cidade nas criações novas. Gustavo Giovannoni ao preferir a curva à reta, porque a primeira desvia, evita, preserva, e a segunda “desventra”, definia-se um *modus operandi* para ampliar, “drenar” núcleos antigos e preservar monumentos e jardins. Em definitivo, estavam compreendidas as premissas de como abordar e dotar, as velhas estruturas, de condições de salubridade, de solidez e de funcionalidade, mantendo, ao mesmo tempo, o melhor do caráter do passado. (Azevedo, 2013, p.275).

Antes de Giovannoni, Camilo Sitte em “A construção da cidade segundo seus princípios artísticos” reconhecia no tecido e nos ambientes públicos das cidades antigas qualidades mais adequadas ao bem-estar, indicando a escala, a proporção e a relação entre os lugares, como fatores desse conforto.

Sitte situava-se como um defensor do lado artístico, contra o que considerava um planejamento espacial frio, adaptado ao fluxo do tráfego. Aceitando o estilo histórico na arquitetura, com toda sua capacidade de significação simbólica, ele defendia o renascimento do projeto histórico também para o espaço urbano, com ênfase nas praças, em vez de nas ruas dominadas pelos veículos, tal como acontecia no projeto da Ringstrasse. Para ele, a larga avenida produzia anomia e agorafobia, ambas associadas ao individualismo grosseiro da vida moderna. O projeto de Sitte era restaurar a praça a fim de deter o fluxo dos homens em movimento num espaço conducente aa sociabilidade e congregação. A praça era para ele a forma urbana que poderia gerar e sustentar a comunidade, restaurar o sentimento de pertencer a uma *polis* que a febril cultura comercial moderna estava matando. (SCHORSKE, 2000, p.181)

O autor acabou ficando mais conhecido por suas críticas à Ringstrasse de Viena como exemplo pela quebra dos princípios consagrados na tradição das cidades. Contudo, ficava a lição de que o problema dos projetos monumentais é que neles a relação do corpo com o ambiente tornava-se desagradável.

É neste ponto que há uma aproximação entre a lógica do desenho do bairro jardim que, em seu intuito, preserva e dialoga com a natureza no ato de projetar o novo, e a orientação de Giovannoni, de zelar pelo traçado e pela condição antiga da cidade com suas peculiaridades no trato do restauro

PENSAR FORA DO EIXO

urbano. Em outras palavras, o novo urbanismo dos novos bairros jardim encontrava pontos em comum com as orientações do restauro urbano.

A Sociedade dos Urbanistas Belgas tinha em seus princípios um alinhamento com a orientação modernistas e compreendiam a atividade da reconstrução de edificações e trechos urbanos com técnicas e soluções que evidenciassem a distinção entre o antigo e o novo. Em contrapartida, grande parte dos arquitetos

chamados "tradicionalistas" que advogavam a reconstrução nos moldes do refazimento conseguem se impor e a reconstrução é feita às pressas, trama a trama, cada um por si e sem qualquer projeto global, na maioria das vezes inspirando-se no que já existia ou nas particularidades arquitetônicas locais. Em Dixmude, foi feita uma espécie de releitura dos prestigiosos edifícios que margeiam a praça principal. As soluções adotadas para a reconstrução de cidades históricas como Dinant, Louvain, Ypres ou Nieuport pareciam provocação aos olhos dos modernistas que batizam essas construções de "falso-velho" ou "velho-novo" (Azevedo, 2021, p.184)

A reavaliação da obra de Gustavo Giovannoni possui importância estratégica para fazer frente às abordagens dominantes na cena contemporânea: a renovação predatória de áreas e as recorrentes práticas repriminatórias, dois extremos problemáticos enfrentados na ação de preservação do patrimônio arquitetônico e urbano. No primeiro caso, agem as forças do mercado, por natureza, amnésicas; no segundo caso, agem aqueles que desejam preservar e consideram que isso seja possível, sem atendimento aos princípios fundamentais do restauro (Azevedo, 2013, p.276).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 07. Restauro de arquitetura por Hubrecht Hoste: antes e depois

Fonte: La Cité: urbanisme, architecture, art public, 1926

A postura em relação aos procedimentos de restauração do grupo de urbanistas pode ser compreendida pela imagem acima (figura 07). Os quadros edificadas não seriam refeitos à maneira da volta ao estado original, seriam estabilizados e as partes danificadas, construídas na mesma proporção e simplificadas em suas formas. As lições a esse respeito vinham das experiências italianas do século 19 como a emblemática restauração do arco de Tito em Roma (Carbonara, 2010). Esses procedimentos simplificadores seriam feitos com mais rapidez e economia, e por outro lado, não criariam um “falso histórico”.

Ao serem preteridos pelos arquitetos tradicionais, adeptos de práticas repristinatórias, os modernistas da Sociedade de Urbanistas Belgas voltaram-se então para a habitação social, o único nicho de contratação pública que lhes era acessível. Participam da primeira conferência organizada em abril de 1920 em Bruxelas pela União das Cidades e Municípios Belgas. Nessa ocasião foram definidas as grandes linhas de ação da “Société Nationale des Habitations à Bon Marché”, recém-criada. A empresa concedeu empréstimos a taxas de juro baixas e reembolsáveis a longo prazo, de forma a permitir a construção de habitações a rendas baixas.

Dito de outra forma, os urbanistas belgas de filiação progressista teriam dado uma contribuição bastante diferente da realizada pelos arquitetos tradicionalistas.

2.4 Considerações finais

A revista *La Cité: urbanisme, architecture, art public* (1919-1935), à luz dos consensos historiográficos construídos, serviu de fio condutor às nossas reflexões e revelou uma face menos conhecida do debate do urbanismo: a contribuição da Sociedade dos Urbanistas Belgas, em especial, a preocupação com a preservação das cidades e a criação de bairros-jardins.

Do ponto de vista historiográfico a pesquisa sobre a revista belga veio a demonstrar a influência das práticas de construção de paisagem local, e ao mesmo tempo, de internacionalização da Holanda na experiência belga de reconstrução e preservação de cidades. A recepção foi mediada por um traço distintivo da cultura urbana belga, a tradição da união de cidades. Esses aspectos da cultura holandesa e belga são pontos importantes para a discussão do urbanismo no século 20. A catalogação, leitura e os primeiros resultados investigativos já publicados são contribuições positivas na perspectiva do estado da arte dessas temáticas. Espera-se que o presente artigo permita enxergar nuances que podem esclarecer um horizonte mais amplo do debate acerca do urbanismo do século 20.

O exemplo dado de procedimento de restauro proposto por Hubrecht Hoste (figura 07) e a análise dos projetos da *La Cité Moderne* e de *Le Logis-Floréal* são demonstrações de quanto evoluídas e adequadas à realidade eram essas propostas nos anos vinte do século 20. Examinando na perspectiva contemporânea os projetos ainda parecem ser válidos. Então, retornamos a pergunta feita no início e nos parece que contribuição belga perdeu sua força nas narrativas mais conhecidas do Modernismo à medida que a historiografia construiu um eixo explicativo fundamentado em unidade do movimento garantida pela hegemonia de determinados grupos, em especial, dos arquitetos da linha de frente do movimento dos CIAMs com sua programação unificadora. A partir de 1930, o órgão oficial do CIAM belga passou a colocar a Sociedade dos Urbanistas Belgas e a revista fundada em 1919, e que teve papel fundamental no Movimento Moderno na Bélgica, em uma posição meramente coadjuvante. O tema do 19º Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – pensar fora do eixo proporcionou a oportunidade de retomar os registros da revista *La Cité* nos permitindo examinar no eixo temático 1 - Trajetórias, Institucionalização e Circulação de



PENSAR FORA DO EIXO

Ideias no Urbanismo, a contribuição de um grupo de urbanistas cuja produção merece, no mínimo, participar do debate.

2.5 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G.C. “Clássico e Romântico”. In: “**Arte Moderna do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**”. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p.11-73.

AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira. “Cidades-Jardins na Revista La Cité: Urbanisme, Architecture e Art Public (1919-1935)”. **Cadernos do PROARQ (UFRJ)**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ **UFRJ**., V.2., N.37., p. 177-193.

AZEVEDO, Mirandulina Maria Moreira. “Da arte do encontro do novo e do antigo: a filologia em arquitetura, de Giovannoni”. **PosFAUUSP**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ **FAUUSP**., V.20., N.34., p.273-277.

BODSON, F. et al. “Ce que sera La Cité” . **La Cité: urbanisme, architecture, art public**. Bruxelas: Ed.François & Fills Ed.Tekhne,Vol 1, N.1, p.1-3. Disponível em: <http://bluemountain.princeton.edu/bluemtn/cgi-bin/bluemtn?a=cl&cl=CL1&sp=bmtnaac>

BODSON, F.et al. “S. U. B.Manifeste de la Société des Urbanistes belges”. **La Cité: urbanisme, architecture, art public**. Bruxelas: Ed.François & Fills Ed.Tekhne,Vol 1, N.3, p.37-40.

CALABI, Donatella. **História do Urbanismo Europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2015

CARBONARA, Giovanni. **Avvicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti**. Napoli: Liguori Editore, 2010.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e realidades, uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

DRUART, Y. “ Cronologie des differents Chantiers.” In: **Le Logis 1921-1996 75 ans de vie de notre Cité-jardin**, 1996, p 9-37.

EGGERICX J. “L'immeuble a appartements du “fer a cheval ”cité-jardin “floréal” a boitsfort-bruxelles”. In: **La Cité urbanisme, architecture, art public**. Bruxelas: Ed.François & Fills, Vol. 9, N. 1, p 2-16.

SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SICA, Paolo. **Historia del Urbanismo. El Siglo XX**. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1981.

SITTE, Camillo. **A construção da cidade segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992.



PENSAR FORA DO EIXO

SMETS, Marcel. L'Avénement de la cité-jardin em Belgique. **Histoire de l'habitat social em Belgique de 1830 à 1930**. Bruxelles: Mardaga, 1977.

VAN LOO, Anne. La cité-jardin, laboratoire du mouvement moderne en Belgique In: **Cities, Garden cities: A European history[conectados]**. Pessac: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 1996 (gerado em 16 de agosto de 2020). Disponível na Internet: <http://books.openedition.org/msha/15330>. p.33-51.

VERWILGHEN R. "In memoriam Louis van der Swaelmen le confrère, l'urbaniste". **La Cité urbanisme, architecture, art public**. Bruxelas: Ed.François & Fills, Vol. 8, N.6, p 84-88.

WILLIAMS R. "Formações". In: **Cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 57-85.

TEYSSOT, Georges. **Da Teoria da Arquitectura : Doze Ensaios**. Edições 70: Lisboa, 2010.